

Hospital de Base ainda vive crise

BRASÍLIA — A polêmica em torno da morte do ex-presidente Tancredo Neves no Hospital de Base de Brasília (HBB) ainda não teve desfecho. O caso agora é alvo de sindicância do Conselho Regional de Medicina de Brasília, que tem prazo até dezembro para concluí-la. Após o episódio da morte de Tancredo, o hospital ganhou fama de ineficiente e de permitir que seus pacientes tivessem infecções.

Os médicos brasileiros que operaram Tancredo Neves, Francisco Pinheiro da Rocha e Renalt de Mattos, evitam falar sobre o assunto e lembrar as discussões que tiveram na época com os médicos paulistas. O atual diretor da entidade, Maurício Cariello, no entanto, ga-

rante que os procedimentos do HBB foram corretos, apoiado em prontuários do ex-presidente. "Tancredo já entrou no hospital com um tumor perfurado no intestino delegado e com um processo de infecção generalizada", afirma Cariello.

Na ocasião, o infectologista Vicente Amato, do Hospital das Clínicas de São Paulo, declarou que "o início do processo infeccioso do ex-presidente manifestou-se alguns meses antes do primeiro ato cirúrgico realizado em Brasília". Amato afirma que chegou a essa conclusão depois de saber que o presidente, em duas ocasiões anteriores, apresentou febre e tremores. "Isso mostra que o tratamento adequado ao caso deveria ter começado alguns meses antes,

sem urgência e com segurança", argumentou Amato.

Apesar das evidências do prontuário de Tancredo — que descreve a sua passagem pelo hospital — serem favoráveis ao tratamento concedido a ele pelo HBB, os familiares do ex-presidente ainda guardam mágoas. "Eu, sem dúvida, jamais me internaria no Hospital de Base", garante o neto do ex-presidente, o deputado Aécio Neves. O ministro da Saúde Alcení Guerra, porém, acha injusto o estigma que envolve o hospital e promete colaborar com recursos para tornar o HBB um modelo de excelência.

Mesmo diante das afirmações do ministro da Saúde, Cariello admite que o HBB está sofrendo um processo de deterio-

ração. "O hospital não tem recursos", alega o diretor da instituição. De acordo com ele, o HBB não dispõe hoje de tomógrafo computadorizado, aparelho de hemodinâmica, ecocardiógrafos e ecógrafos (aparelhos de ultra-som). Além da falta desses equipamentos básicos, o HBB, com 900 leitos, não dispõe em quantidade suficiente de sabão, agulha, luva e soro glicosado. "Quando falamos em Tancredo, imediatamente as pessoas associam o HBB à sua morte, provocada supostamente por um erro médico. Mas os relatórios revelam que o HBB não é o culpado", afirma.

"O problema é que temos ótimos profissionais num hospital sem recursos, à beira de um colapso", justifica Cariello.